

BALLI
KAUR JASWAL

A VIDA SECRETA DAS VIÚVAS PANJÁBI

«Um encantador romance sobre mulheres
que desafiam as restrições patriarcais.»

KIRKUS REVIEWS



TOP
SEL
LER



CAPÍTULO 1

O que levaria Mindi a *desejar* um casamento arranjado? Nikki contemplou o perfil que a sua irmã anexara ao e-mail. Havia uma lista com pormenores biográficos relevantes: nome, idade, altura, religião, regime alimentar (vegetariana, com exceção do ocasional prato de *fish and chips*). Preferências genéricas num marido: inteligente, compassivo e gentil, com valores fortes e um sorriso bonito. Tanto os homens de cara rapada quanto aqueles que usavam turbante eram aceites, desde que a barba e o bigode fossem bem cuidados. O marido ideal tinha um emprego estável e até três passatempos que o completassem mental e fisicamente. *Em determinados aspetos*, escrevera, *ele deve ser como eu: recatado* (pudico, na opinião de Nikki), *prático com o dinheiro* (que era o mesmo que dizer avarento) e *dedicado à família* (querer ter filhos de imediato). Para tornar as coisas ainda piores, o título daquela lista fazia-a parecer uma especiaria de supermercado: Mindi Grewal, Mix Este-Oeste.

O estreito corredor que ligava o quarto de Nikki à kitchenette não era adequado para andar de um lado para o outro, com o soalho desnivelado e, em determinados locais, a ranger ao mínimo contacto. Ainda assim, percorreu o corredor de uma ponta à outra, concentrando-se ao mesmo tempo que dava pequenos passos. Que diabo se passava com a sua irmã? Sim, Mindi sempre fora mais tradicional — certa vez, Nikki apanhara-a a ver um vídeo na Internet sobre como fazer *rotis* perfeitamente redondos —, mas pôr um anúncio para arranjar um marido? Era tão... *excessivo*.

Nikki telefonou repetidamente à irmã e, de cada vez, a sua chamada foi ter ao atendedor. Quando conseguiu finalmente falar com ela, a luz do sol já desaparecera no denso nevoeiro da noite e estava quase na hora de sair para o seu turno no O'Reilly's.

— Já sei o que vais dizer — declarou Mindi.

— A sério, Mindi? — perguntou Nikki. — Estás a ver isto acontecer, de verdade?

— Sim.

— Então, és louca.

— Tomei a decisão sozinha. Quero encontrar um marido da forma tradicional.

— Porquê?

— É o que eu quero.

— Porquê?

— Porque sim.

— Se queres mesmo que reveja o teu perfil, vais ter de arranjar uma explicação melhor.

— Isso não é justo. Eu apoiei-te quando saíste de casa.

— Chamaste-me vaca egoísta.

— Mas quando te foste embora e a mãe queria ir a tua casa exigir que regressasses, quem foi que a convenceu a esquecer o assunto? Se não fosse eu, ela nunca teria aceitado a tua decisão. E agora já ultrapassou o assunto.

— *Ligeiramente* — contrapôs Nikki. O tempo havia desgastado a indignação inicial da mãe. Por aqueles dias, a progenitora continuava profundamente descontente com o estilo de vida de Nikki, mas já desistira de a prelecionar sobre os perigos de viver sozinha. «A minha própria mãe nunca teria aceitado tal coisa», dizia sempre ela, como que a dar provas do seu modernismo, uma mistura de gabarolice e de lamentação no tom de voz. *Mix Este-Oeste*.

— Estou a adotar a nossa cultura — explicou Mindi. — Vejo as minhas amigas inglesas a conhecerem homens online e em discotecas, e não parecem estar a encontrar ninguém apropriado.

Porque não tentar um casamento arranjado? Resultou com os nossos pais.

— Eram outros tempos — argumentou Nikki. — Tens mais oportunidades à tua disposição do que a mãe quando tinha a tua idade.

— Sou instruída, tirei o curso de Enfermagem, tenho um emprego... Esta é a etapa seguinte.

— Não devia ser uma etapa. O que estás a fazer é a adquirir um marido.

— Não vai ser nada disso. Só preciso de alguma ajuda para o encontrar. Não planeio conhecê-lo apenas no dia do casamento. Atualmente, é permitido aos casais algum tempo para se conhecerem.

Nikki esbugalhou os olhos ao escutar a palavra «permitido». Para que precisava Mindi da permissão de alguém para tomar liberdades no seu namoro?

— Não te acomodes. Vai viajar. Ver o mundo.

— Já vi o suficiente — resmungou Mindi; uma viagem só de raparigas a Tenerife, no verão anterior, durante a qual descobrira a sua alergia ao marisco. — Além disso, a Kirti também anda à procura de um rapaz apropriado. Está na hora de assentarmos.

— A Kirti não seria capaz de detetar um rapaz adequado nem se ele lhe entrasse pela janela do quarto — afirmou Nikki. — Não a considero sequer uma concorrente à altura.

Nikki não apreciava nem um pouco a melhor amiga da irmã, maquilhadora, ou Profissional de Valorização Facial, de acordo com o seu cartão de visita. Na festa do vigésimo quinto aniversário de Mindi, no ano anterior, Kirti havia escrutinado a roupa de Nikki e concluído: «Ser bonita implica fazer um esforço, né?»

— Mindi, talvez estejas entediada.

— E o tédio não é uma razão válida para procurar um marido? Tu saíste de casa porque querias independência. Eu quero casar com alguém porque desejo fazer *parte* de qualquer coisa. Quero ter uma família. Não entendes isso porque ainda és jovem. Chego a casa depois de um longo dia no trabalho e sou só eu e a mãe. Quero ir para casa,

para *alguém*. Quero falar sobre o meu dia e jantar e planejar uma vida em conjunto.

Nikki abriu os anexos do e-mail. Havia duas fotos de Mindi, o seu sorriso à laia de saudação, o cabelo liso e denso abaixo dos ombros. Outra foto mostrava toda a família: a mãe, o pai, Mindi e Nikki nas últimas férias que tinham passado juntos. Não era a melhor fotografia da família; tinham todos os olhos semicerrados e pareciam minúsculos contra a interminável paisagem. O pai morrera naquele ano; um ataque cardíaco roubara-lhe a vida durante a noite. Uma pontada de dor apertou o estômago de Nikki. Fechou a janela.

— Não uses fotos de família — pediu Nikki. — Não quero a minha imagem nas mãos de casamenteiros.

— Então, vais ajudar-me.

— É contra os meus princípios. — Nikki escreveu «argumentos contra casamentos arranjados» no motor de busca e clicou no primeiro resultado.

— Mas vais ajudar-me?

— «O casamento arranjado é um sistema defeituoso que coarta o direito de uma mulher de escolher o seu destino» — leu Nikki em voz alta.

— Melhora o perfil, por favor. Não tenho muito jeito para esse tipo de coisas — esclareceu Mindi.

— Ouviste o que acabei de ler?

— Umhas palermices radicais. Deixei de ouvir depois de «coartar».

Nikki voltou a aceder ao perfil da irmã: *Procuro a minha alma gémea. Quem será?* Suspirou. Era óbvio que Mindi estava determinada; era só uma questão de saber se Nikki desejava envolver-se naquilo ou não.

— Está bem — declarou. — Mas apenas porque, com este perfil, corres o risco de atrair idiotas. Que ideia foi esta de dizeres que adoras divertir-te? Quem não gosta de se divertir?

— E depois podias afixá-lo por mim no quadro dos casamentos?

— Qual quadro dos casamentos?

— No templo grande, em Southall. Eu envio-te o endereço por mensagem.

— Southall? Estás a gozar.

— Fica muito mais perto da tua casa. Tenho turnos duplos no hospital durante toda a semana.

— Pensei que existissem websites matrimoniais para este tipo de coisas — argumentou Nikki.

— Ainda pensei no SikhMate.com e no PunjabPyaar.com. Mas estão cheios de indianos à procura de um visto fácil. Se algum homem vir o meu perfil no quadro do templo, ao menos saberei que está em Londres. Southall tem o maior templo sique da Europa. Tenho mais hipóteses do que se o afixar no quadro de Enfield — explicou Mindi.

— Estou ocupada, sabes disso.

— Oh, por favor, Nikki. Tens mais tempo livre do que qualquer uma de nós.

A jovem decidiu não fazer caso da crítica velada. A mãe e a irmã não consideravam a sua ocupação como empregada de bar no O'Reilly's como um trabalho a tempo inteiro. Não valia a pena explicar que ainda procurava a sua vocação — um trabalho onde pudesse fazer a diferença, estimular a mente, ser desafiada, valorizada e recompensada. Tais lugares eram desanimadoramente escassos e a recessão tornara as coisas ainda piores. Nikki chegara até a ser rejeitada de trabalhos de voluntariado em três organizações não governamentais, todas elas explicando que tinham já recebido um número recorde de candidaturas. O que mais havia disponível para uma rapariga de 22 anos e meio curso de Direito? Dada a conjuntura económica que enfrentavam (e possivelmente qualquer outra conjuntura económica): nada.

— Eu pago-te o tempo que perderes — propôs Mindi.

— Não vou aceitar dinheiro teu — replicou Nikki.

— Espera. A mãe quer dizer qualquer coisa. — Em pano de fundo, ouviram-se instruções abafadas. — Ela pede que não te esqueças de trancar as janelas. Deu qualquer coisa a noite passada nas notícias sobre uns assaltos.

— Diz à mãe que eu não tenho nada de valor para roubar — contrapôs Nikki.

— Ela diz que tens a tua honra para proteger.

— Demasiado tarde. Já a levaram. Foi na festa do Andrew Forrest, depois do baile de finalistas. — Mindi não respondeu, mas a sua desaprovação crepitou como estática através da linha.

Enquanto se vestia para ir trabalhar, Nikki pensou na proposta da irmã para lhe pagar. Um gesto simpático, mas as dificuldades de Nikki não eram financeiras. O seu apartamento ficava por cima do *pub* e a renda era mais baixa por causa da sua disponibilidade para fazer turnos extra à última hora. Todavia, ser empregada de bar deveria ser um emprego temporário — com aquela idade, já deveria estar a *fazer qualquer coisa* da sua vida. Cada novo dia era um lembrete de que continuava parada enquanto os seus pares avançavam. Na semana anterior, na plataforma do comboio, avistara uma antiga colega de escola. Parecera-lhe tão atarefada e determinada enquanto caminhava em direção à saída, com uma pasta numa das mãos e um café na outra. Nikki começou a temer os dias, as horas em que estava mais consciente da Londres exterior, fazendo tiquetaque e encaixando-se no seu lugar.

Um ano antes de Nikki fazer os exames do ensino secundário, acompanhara os pais numa viagem à Índia, em que haviam insistido em visitar templos e consultar os *pânditas*, para que concedessem a Nikki a orientação necessária para se notabilizar. Um dos *pânditas* pedira-lhe que se visualizasse na carreira que desejava ao mesmo tempo que entoava orações que tornariam a sua visão uma realidade. A sua mente ficara em branco, e fora essa imagem de nada que enviara aos deuses. Como acontecia em todas as viagens à terra mãe, recebera indicações rigorosas sobre aquilo que não podia fazer diante do irmão mais velho do pai, que os recebia em sua casa: nada de palavrões, menções a amigos do sexo masculino, não podia responder e devia falar panjâbi

para mostrar gratidão por todas as aulas de verão frequentadas na esperança de alimentar as raízes culturais. Durante o jantar, quando o tio lhe perguntou como correria a visita ao pândita, Nikki mordeu a língua para não responder: «Charlatães filhos da mãe. Mais valia pedir aos meus amigos Mitch e Bazza para me lerem a palma da mão.»

O pai respondeu por ela.

— É provável que a Nikki vá para Direito.

E, nesse momento, o seu futuro ficou selado. O pai pôs de parte as incertezas da filha, recordando-a de que deveria enveredar por uma profissão segura e respeitável. Não passaram de garantias temporárias. A palpitante ansiedade de, no primeiro dia na universidade, estar sentada na aula errada foi-se multiplicando ao longo do ano. Depois de quase reprovar numa cadeira do segundo ano, Nikki foi chamada pelo professor, que comentou: «Talvez isto não seja para si.» Ele referia-se à disciplina que lecionava, mas ela viu como o comentário se aplicava a tudo: o enfado nas aulas, os exames, os trabalhos de grupo e os prazos. Nada daquilo era para ela. Desistiu do curso nessa mesma tarde.

Incapaz de contar aos pais que havia desistido, Nikki continuou a sair de casa todas as manhãs com a sua pasta de couro comprada em Camden Market. Caminhava por Londres, que, com o seu céu cheio de fuligem e torres antigas, providenciava o cenário perfeito para o seu infortúnio. Ter deixado a universidade proporcionava-lhe algum alívio, mas Nikki vivia atormentada com aquilo que deveria estar a fazer, uma vez que já não estudava. Após uma semana de errância fútil, começou a preencher as tardes participando em protestos na companhia da sua melhor amiga, Olive, voluntária numa organização chamada UK Fem Fighters. Não faltavam razões para indignação. Continuavam a aparecer mulheres nuas na página três do *The Sun*. O financiamento do Governo aos centros de ajuda às mulheres estava a ser cortado para metade por causa das novas medidas de austeridade. As mulheres jornalistas corriam o risco de ser assediadas e agredidas quando trabalhavam em zonas de guerra. As baleias eram assassinadas no Japão (não era um tópico feminino, mas Nikki sentia pena

das baleias e abordava estranhos no meio da rua para que assinassem a petição da Greenpeace).

Só quando o amigo do pai lhe ofereceu um estágio é que Nikki confessou ter desistido da universidade. Gritar nunca fora o estilo do seu pai. A distância era o seu método de exprimir a decepção que sentia. Na demorada discussão que se seguiu à sua confissão, ele e Nikki remeteram-se a divisões separadas, territórios que haviam involuntariamente delimitado, enquanto a mãe e Mindi orbitavam entre um e outro. O mais perto que tinham estado de uma competição de gritaria fora quando o pai enumerara os atributos que fariam de Nikki uma excelente advogada.

— Todo esse potencial, todas essas oportunidades, e estás a desperdiçá-las em quê? Já ias a meio do curso. Qual é agora o teu plano?

— Não sei.

— Não sabes?

— Não gosto assim tanto de Direito.

— Não gostas?

— Não está sequer a tentar compreender. Limita-se a repetir tudo o que eu digo.

— A REPETIR TUDO O QUE DIZES?

— Pai — disse Mindi —, acalme-se, por favor.

— Não irei...

— Mohan, o teu coração — alertou a mãe.

— O que se passa com o coração dele? — perguntou Nikki. Encarou o pai com preocupação, mas este recusou-se a olhá-la nos olhos.

— O pai tem sentido alguma arritmia. Nada de sério. O eletrocardiograma estava normal, mas a tensão arterial estava um bocadinho elevada. Também existe um historial familiar de trombozes venosas profundas... — prosseguiu Mindi. Um ano depois de ter começado a trabalhar como enfermeira, a novidade de usar jargão médico em casa ainda não se havia esgotado.

— O que significa tudo isso? — quis saber Nikki, impaciente.

— Nada de conclusivo. O pai vai fazer mais exames para a semana — respondeu Mindi.

— Pai! — Nikki correu para junto dele, mas o pai levantou a mão, parando-a a meio caminho.

— Estás a estragar tudo — declarou ele. Foram as últimas palavras que o pai lhe dirigiu. Dias mais tarde, ele e a mãe partiram para a Índia, embora lá tivessem estado uns meses antes. Segundo a mãe, ele queria estar com a família.

Longe iam os dias em que os pais de Nikki ameaçavam enviá-la de volta para a Índia, caso se portasse mal; por aqueles tempos, eram eles que se exilavam. «Quando regressarmos, pode ser que já te tenha passado», dissera a mãe. O comentário irritara Nikki, mas ela estava decidida a não dar início a outra discussão. As suas próprias malas estavam discretamente a ser feitas. Um *pub* perto do apartamento de Olive, em Shepherd's Bush, procurava uma empregada. Quando os pais regressassem, ela já ali não estaria.

Depois, o pai faleceu na Índia. O problema cardíaco revelara-se pior do que os médicos haviam inicialmente diagnosticado. Segundo as histórias tradicionais indianas, os filhos desobedientes eram a principal causa de problemas cardíacos, tumores, queda de cabelo e outras maleitas dos seus desgostosos pais. Embora Nikki não fosse tola a ponto de pensar que fora responsável pelo ataque cardíaco do pai, acreditava que ele poderia ter sido salvo pelos exames que iria fazer em Londres, e que adiara para viajar até à Índia. A culpa corroía-lhe as entranhas e impedia-lhe o luto. No funeral, desejou que as lágrimas cáissem e lhe proporcionassem algum alívio, mas isso nunca aconteceu.

Dois anos depois, Nikki ainda se perguntava se tomara a decisão mais acertada. Às vezes, ponderava em segredo regressar ao curso, embora não suportasse sequer pensar em estudar processos ou em assistir a mais aulas. Talvez a paixão e o entusiasmo devessem ser aspetos secundários na vida estável de um adulto. Afinal, se os casamentos arrançados podiam resultar, talvez ela pudesse reunir algum

entusiasmo por qualquer coisa que não amasse de imediato, e depois aguardar que esse amor chegasse.

De manhã, Nikki saiu de casa e foi saudada pela chuva que lhe molhou o rosto. Puxou para cima da cabeça o capuz orlado de pelo falso e percorreu a pé os quinze minutos que distavam até à estação ferroviária. A sua adorada pasta embatia-lhe contra a anca. Quando parou no quiosque para comprar um maço de cigarros, o seu telefone deu sinal: era uma mensagem de Olive.

Vaga numa livraria infantil. Perfeito para ti! Vi no jornal de ontem.

Nikki ficou comovida. Olive ficara atenta aos anúncios de emprego desde que lhe confessara que o O'Reilly's não iria manter-se aberto muito mais tempo. O *pub* já parecia estar a dar as últimas, a sua antiga decoração demasiado lúgubre para ser considerada na moda e a ementa incapaz de competir com a do moderno café que abria logo ao lado. Sam O'Reilly passava cada vez mais tempo enfiado no seu pequeno escritório nas traseiras, rodeado por resmas de faturas e de recibos.

Nikki respondeu.

Também vi. Querem no mínimo 5 anos experiência em vendas. Preciso de um emprego para ter experiência, preciso de experiência para conseguir emprego: loucura!

Olive não respondeu. Como professora estagiária do ensino secundário, a sua comunicação nos dias de semana era esporádica. Nikki ainda pensara em estudar para ser professora, mas de cada vez que ouvia Olive falar dos seus turbulentos alunos, agradecia o facto de só ser obrigada a lidar com um bêbedo ocasional no O'Reilly's.

Nikki escreveu outra mensagem.

Vejo-te hoje à noite no *pub*? Não vais acreditar para onde vou agora: Southall!!

Apagou a beata e juntou-se à multidão da hora de ponta para entrar no comboio.

Durante a viagem, viu a cidade ficar progressivamente para trás, os edifícios de tijolo substituídos por extensões ocupadas por sucatas e por terrenos industriais enquanto o comboio avançava para oeste. Southall era uma das estações terminais daquela linha e o letreiro estava escrito em inglês e em panjábi. O seu olhar desviou-se de imediato para o panjábi, e ela ficou surpreendida pela familiaridade daquelas curvas e retorcidos. As aulas de verão na Índia haviam incluído aprender a ler e a escrever utilizando o alfabeto *gurmukhi*, uma particularidade que mais tarde se tornou útil, quando escrevia em panjábi o nome das amigas, em guardanapos, em troca de bebidas pagas.

Pela janela do autocarro que a levava ao templo, a visão de mais letreiros bilingues deixou-a com dores de cabeça e com a sensação de estar dividida em dois. Britânica, indiana. Quando era criança, deslocara-se até ali com a família — um casamento no templo, ou uma viagem de compras dedicada a adquirir especiarias frescas para o caril. Nikki recordou as conversas confusas que escutava durante aquelas viagens, pois a mãe e o pai pareciam simultaneamente gostar e detestar encontrar-se entre os seus compatriotas: não seria bom ter vizinhos panjábi? Mas então porque se haviam mudado para Inglaterra? À medida que a zona norte de Londres se foi estabelecendo como a sua casa, havia cada vez menos razões para visitar Southall, que se foi tornando parte do seu passado, à semelhança da Índia. Naquele momento, uma batida *bhangra* ecoava do interior de um automóvel na faixa ao lado. Na montra de um comerciante de tecidos, umas filas de manequins vestidos com cintilantes saris sorriam com afetado recato aos transeuntes. Os mercados de vegetais extravasavam até ao passeio

e um vapor quente elevava-se do carrinho do vendedor de chamuças parado numa esquina. Nada mudara.

Numa das paragens entrou um grupo de adolescentes. Davam risadinhas e conversavam em voz alta umas por cima das outras, e, quando o autocarro arrancou, o grupo foi projetado para a frente com um guincho coletivo. «Grande merda!», gritou uma das raparigas. As outras riram-se, mas as suas gargalhadas depressa desapareceram ao repararem nos olhares de reprovação de dois homens com turbantes sentados diante da Nikki. As raparigas acotovelaram-se e ficaram em silêncio.

— Mostrem algum respeito — ralhou alguém. Nikki virou-se e viu uma mulher idosa fulminar as raparigas com o olhar quando estas passavam por ela.

A maioria dos passageiros saiu juntamente com Nikki na paragem do templo. A sua cúpula dourada reluzia em contraste com as nuvens cinzentas e os arabescos azul-safira e laranja enchiam os vitrais do segundo andar. Os terraços vitorianos que rodeavam o templo pareciam brinquedos em comparação com aquele majestoso edifício branco. Nikki ansiava por um cigarro, mas ali existiam demasiados olhares. Sentiu-os nas suas costas ao ultrapassar um grupo de mulheres de cabelos brancos, que se dirigiam lentamente para a entrada abobadada do templo. Quando era criança, os tetos daquele enorme complexo haviam-lhe parecido infinitos, e a verdade era que continuavam vertiginosamente altos. Um ligeiro eco de cânticos flutuou da sala de orações. Nikki retirou o lenço da mala e colocou-o sobre a cabeça. O átrio do templo fora remodelado desde a sua última visita, há anos, e a localização dos quadros de aviso não era imediatamente óbvia. Deambulou durante algum tempo, mas evitou perguntar onde ficava. Certa vez entrara numa igreja em Islington para pedir indicações e caíra no erro de dizer ao pastor que se sentia perdida. A conversa que se seguiu sobre localizar a sua espiritualidade interna demorou quarenta e cinco minutos e em nada a ajudou a encontrar o caminho para a estação.

Às tantas, Nikki avistou os quadros junto à entrada para a cantina comunitária. Havia dois enormes quadros que ocupavam grande parte da parede: CASAMENTOS e SERVIÇO COMUNITÁRIO. Enquanto o quadro do serviço comunitário estava tristemente pouco preenchido, o quadro dos casamentos transbordava de folhetos.

Ei, e Que TaL? ESTOU aPeNaS a BRINCaR! Sou Um tíPo DeScoNtRaíDo, mAs gaRantO-Te quE Não SOU enGANadOr.

O meU OBJETIVO NA VIDA é ApReCiá-la, Um Dia de CaDa VeZ, e Não mE AbORReceR CoM as PeQuENas CoiSas.

QuErO EnConTRar a Minha PRINCESA e TrAtÁ-LA cOmO MeReCe.

Rapaz síque de família Jat de boa linhagem procura rapariga síque com as mesmas origens. Deve ter gostos e antipatias compatíveis e os mesmos valores familiares. Somos tolerantes em muitas coisas, mas não aceitaremos não-vegetarianas ou cabelos curtos.

Noiva para profissional síque.

Amardeep terminou a licenciatura em Contabilidade e procura a rapariga dos seus sonhos para o completar.

Foi o primeiro da turma para assegurar um bom lugar numa das melhores empresas de contabilidade de Londres.

A noiva também deve ter uma profissão de carreira e ser licenciada numa das seguintes áreas:

Finanças, Marketing, Administração de Empresas ou Gestão. Pertencemos à indústria têxtil.

O meu irmão não sabe que afixei isto aqui, mas lembrei-me de arriscar! Ele é solteiro e tem 27 anos. É inteligente (dois mestrados!!!), engraçado, gentil e respeitador. E, melhor do que isso, é GIRO. Eu sei que é estranho dizer isto

porque sou irmã dele, mas é a verdade! Se quiseres ver uma fotografia, envia-me um e-mail.

Nome: Sandeep Singh

Idade: 24

Grupo sanguíneo: O Positivo

Habilitações literárias: Licenciado em Engenharia Mecânica

Profissão: Engenheiro mecânico

Passatempos: Alguns desportos e jogos

Aspeto físico: Tez morena, 1,72 m, sorridente

Ver fotografia.

— Nem pensar — murmurou Nikki, dando as costas ao quadro. Mindi podia estar a seguir o caminho tradicional, mas era demasiado boa para qualquer um daqueles homens. A versão do perfil modificado por Nikki promovia uma mulher compassiva e confiante que possuía o equilíbrio certo entre tradição e modernidade.

Sinto-me igualmente confortável num sari e numas calças de ganga. O meu companheiro ideal aprecia um bom jantar e é capaz de se rir de si próprio. Sou enfermeira porque sempre gostei de tratar dos outros, mas também procuro um marido que seja autoconfiante, pois valorizo a minha independência. Aprecio o ocasional filme de Bollywood, mas prefiro as comédias românticas e os filmes de ação. Viajei um pouco, mas adiei ver o resto do mundo até encontrar AQUELE que irá acompanhar-me na viagem mais importante de todas: a vida.

Nikki estremeceu ao ler a última linha, mas era o tipo de coisa que a irmã consideraria profunda. Passou uma vez mais os olhos pelo quadro. Se não afixasse o perfil, Mindi acabaria por descobrir e não iria parar de a atormentar até ela regressar e terminar o que começara. Se o afixasse, a sua irmã poderia acabar casada com um

daqueles homens. Ansiando por um cigarro, Nikki roeu a unha do polegar. Por fim, colou o papel no quadro dos casamentos, mas no canto mais afastado, onde ninguém o veria, quase colado aos folhetos do quadro do Serviço Comunitário. Tecnicamente, cumprira aquela tarefa tal como lhe fora pedido.

Ouviu alguém pigarrear. Voltou-se e deu de caras com um homem delgado. Ele encolheu acanhadamente os ombros, como se estivesse a responder a uma pergunta. Nikki acenou educadamente com a cabeça e desviou o olhar, mas então ele tomou a palavra.

— Então, procura... — Apontou a dedo na direção do quadro.
— Um marido?

— Não — apressou-se Nikki a replicar. — Eu não. — Não queria chamar a atenção do homem para o folheto de Mindi. Os braços dele assemelhavam-se a palitos.

— Oh — disse ele. Parecia envergonhado.

— Estava a consultar o quadro do serviço comunitário — explicou Nikki. — Oportunidades de voluntariado, esse tipo de coisas. — Virou-lhe as costas e, por instantes, fingiu estar a consultar o quadro, acenando com a cabeça ao mesmo tempo que lia cada um dos anúncios. Havia carros para venda e apartamentos para arrendar. Alguns anúncios de casamento também tinham acabado ali, mas não eram melhores do que aqueles que Nikki já lera.

— Aprecia então o serviço comunitário — ousou ele.

— Tenho mesmo de ir — disse Nikki. Remexeu no interior da mala para evitar mais conversa e voltou-se para a entrada. Foi nesse momento que um folheto lhe chamou a atenção. Parou e leu-o em silêncio, os seus olhos avançando lentamente pelas palavras.

Aulas de Escrita: Inscreva-se Já!

Sempre quis escrever?

**Um novo workshop sobre técnicas narrativas e construção
de personagens. Conte a sua história!**

O workshop culminará com uma antologia dos melhores trabalhos.

Por baixo, escrito à mão, podia ler-se: *Aula destinada apenas a mulheres. Precisa-se de professora. Trabalho pago; dois dias por semana. Por favor, contacte Kulwinder Kaur na Associação Comunitária Sique.*

Não falavam de habilitações nem de experiência anterior, o que era um bom sinal. Nikki puxou do telefone e tomou nota do número. Reparou no olhar curioso do homem, mas ignorou-o e mergulhou na multidão de devotos que naquele momento saía da cantina comunitária.

Seria capaz de ministrar um workshop de escrita criativa? Escrevera um artigo para o blogue da UK Fem Fighters, comparando as suas experiências com piropos em Deli e em Londres, que ficara durante três dias na lista das Publicações Mais Lidas. De certeza que conseguiria dar algumas dicas de escrita às mulheres do templo. Quisá publicar *Uma Antologia dos Melhores Trabalhos*. Referências editoriais ficariam bem no seu despojado currículo. A esperança cresceu-lhe no peito. Aquele poderia ser um trabalho de que ela gostasse e do qual se orgulhasse.

A luz penetrou no templo através das suas amplas janelas, banhando o chão com uma cor quente antes de as nuvens voltarem a esconder o sol. Quando se preparava para sair do edifício, recebeu finalmente uma resposta à mensagem que horas antes enviara a Olive.

Onde fica Southall?

A pergunta surpreendeu-a. De certeza que, em tantos anos de amizade, já teria mencionado Southall a Olive. Mas, pensando bem, ela e a amiga haviam-se conhecido na escola secundária, anos depois de os pais de Nikki terem classificado aquelas viagens como demasiado cansativas e trabalhosas, pelo que Olive fora poupada às queixas da amiga acerca dos sábados perdidos em busca dos melhores coentros em pó e das melhores sementes de mostarda.

Nikki parou e olhou à sua volta. Estava rodeada por mulheres com a cabeça coberta — mulheres que corriam atrás das suas crianças,

mulheres que olhavam de lado umas para as outras, mulheres corcovadas sobre os seus andarilhos. Cada uma delas tinha uma história. Era capaz de se ver a dirigir-se a uma sala repleta daquelas mulheres panjábí. Os seus sentidos foram invadidos pelas cores dos seus *kameezes*, pelo som dos tecidos a roçarem e pelos lápis a deslizarem no papel, pelo odor a perfume e a açafração-da-índia. O seu objetivo tornou-se claro. «Algumas pessoas nunca ouviram falar deste lugar», diria. «Vamos mudar isso.» E elas escreveriam as suas histórias para que o mundo as lesse.

CAPÍTULO 2

Vinte anos antes, na sua primeira e última tentativa de ser britânica, Kulwinder Kaur comprara um sabonete inglês, de alfazema, da marca *Yardle*. Foi uma compra justificada pelo facto de o sabonete de amargoseira da família estar transformado numa estreita tira. Quando Sarab lhe lembrou que tinham um armário repleto de artigos trazidos da Índia (dentífrico, sabonete, óleo para o cabelo, *Brylcreem*, goma para o turbante e várias embalagens de um líquido para higiene feminina que ele confundira com champô), Kulwinder argumentou que, mais cedo ou mais tarde, aqueles produtos da terra mãe iriam acabar. Ela estava apenas a preparar-se para o inevitável.

Na manhã seguinte, acordou cedo e vestiu a Maya uns collants de lã, uma saia axadrezada e uma camisola. Durante o pequeno-almoço, alertou a filha para que estivesse quieta, não fosse entornar a comida para cima do seu primeiro uniforme escolar. O *roti* de Kulwinder ia sendo mergulhado em *achar*, uma conserva de manga que lhe manchava os dedos e lhe deixava um odor persistente nas mãos. Ofereceu o *achar* a Maya, que franziu o nariz à acidez. Depois da refeição, Kulwinder usou o novo sabonete para esfregar as mãos de ambas — entre os dedos, por baixo das unhas e, principalmente, naquelas finas linhas da palma das mãos que ditavam o seu futuro. A cheirar a um jardim inglês, o par aproximou-se do balcão de matrícula na escola primária.

Uma jovem loira apresentou-se como sendo a professora Teal e agachou-se de modo a que o seu olhar ficasse ao nível do de Maya.

— Bom dia — cumprimentou com um sorriso. E Maya, um pouco envergonhada, sorriu de volta. — Como te chamas?

— Maya Kaur — respondeu a menina.

— Oh, deves ser prima da Charanpreet Kaur. Estávamos à tua espera — disse a professora Teal. Kulwinder sentiu uma tensão que já lhe era familiar. Aquele era um erro comum — o de que todas as pessoas com o apelido Kaur eram aparentadas —, mas que ela era capaz de esclarecer. Contudo, naquele dia, as palavras inglesas pareciam escapar-lhe. Já se sentia intimidada por aquele novo mundo no qual Maya estava prestes a entrar.

— Explica-lhe — pediu à filha, em panjábí —, ou ela vai pensar que sou responsável por todas as crianças panjábí que frequentam esta escola. — Imaginou-se a ir deixar Maya e a regressar a casa com um bando de crianças.

— A Charanpreet não é minha prima — explicou Maya, com um pequeno suspiro dirigido à sua hesitante mãe. — Na minha religião, todas as raparigas são Kaur e todos os rapazes são Singh.

— Todos uma grande família, filhos de Deus — acrescentou Kulwinder. — É a religião sique. — Por uma qualquer razão idiota, levantou ambos os polegares, como se estivesse a recomendar uma marca de detergente.

— Que interessante — comentou a professora Teal. — Maya, gostarias de conhecer a senhora Carney? É a outra professora. — A professora Carney aproximou-se.

— Que olhos tão bonitos — elogiou. Kulwinder soltou um pouco mais a mão de Maya. Aquelas pessoas eram simpáticas e tomariam bem conta da sua filha. Nas semanas anteriores àquele dia, preocupara-se com a perspetiva de enviar Maya para a escola. E se as outras crianças gozassem com ela por causa do sotaque? E se alguém a chamasse por causa de alguma emergência e ela não compreendesse o que lhe diziam?

A professora Carney entregou-lhe uma pasta com impressos para preencher. Kulwinder tirou uma pilha de impressos da sua mala.

— Os mesmos — esclareceu. Sarab preencherá-os na noite anterior. O seu domínio do inglês era um pouco melhor do que o dela, mas mesmo assim aquela tarefa demorara bastante tempo. Ao vê-lo apontar para cada palavra enquanto lia, Kulwinder sentiu-se o mais pequeno dos seres naquele novo país, a aprender o alfabeto como as crianças. «Em breve, a Maya estará a traduzir tudo para nós», comentara Sarab. Kulwinder preferia que ele não o tivesse dito. As crianças não deveriam saber mais do que os seus pais.

— Veio preparada — disse a senhora Teal. Kulwinder ficou satisfeita por ter impressionado a professora. A senhora Teal folheou os impressos e parou num deles. — Ah, aqui, esqueceu-se de colocar o número de telefone da sua casa. Pode dizer-me qual é?

Kulwinder havia memorizado os dígitos em inglês, de maneira que pudesse recitar aquela combinação de palavras sempre que lhe pedissem.

— Oito, nove, seis... — Fez uma pausa, e uma careta. Sentiu um aperto no estômago. Começou de novo. — Oito, nove, seis, cinco... — Calou-se. O *achar* daquela manhã parecia borbulhar-lhe no peito.

— Oito, nove, seis, oito, nove, seis, cinco? — perguntou a professora Teal.

— Não. — Kulwinder agitou a mão como se quisesse apagar a memória da mulher. — De novo. — A sua garganta parecia quente e cheia. — Oito, nove, seis, oito, cinco, cinco, cinco, cinco, cinco, cinco, cinco. — Havia menos cincos do que os enunciados, mas ela convertera-se num disco riscado ao mesmo tempo que a sua concentração se centrava na tentativa de conter um arrote iminente.

A professora Teal franziu a testa.

— São demasiados números.

— De novo — guinchou Kulwinder. Conseguiu proferir os primeiros três dígitos antes de uma violenta erupção se elevar na sua garganta, fazendo ecoar uma nota de trompete pelo balcão de matrícula. O ar encheu-se de um odor fétido e — segundo a reminiscência exagerada de Kulwinder — de bolhas castanhas e verrugosas.

Depois de o ar fresco ter voltado a saciar-lhe os pulmões, Kulwinder declamou rapidamente os restantes dígitos. Os olhos das professoras arregalaram-se ao tentarem conter o riso (isso, ela não imaginou).

— Obrigada — disse a professora Teal. Torceu o nariz e inclinou a cabeça para se afastar ligeiramente de Kulwinder. — Agora está tudo.

Mortificada, Kulwinder apressou-se a afastar-se. Esticou o braço para alcançar a mão de Maya e só nessa altura a viu no baloiço, a ser gentilmente empurrada por uma menina com o cabelo ruivo apanhado em duas tranças.

Alguns anos mais tarde, depois de Kulwinder ter anunciado que iriam mudar-se para Southall, Maya protestara.

— E as minhas amigas? — chorara, referindo-se à rapariga ruiva, à loira e à rapariga que usava macacões e cortava o seu próprio cabelo. («Que coisa horrível», comentara a sua mãe naquela forma adorável que fazia uma palavra ter dois significados.)

— Farás melhores amigas em Southall — replicara Kulwinder. — Serão mais parecidas connosco.

Por aqueles dias, Kulwinder limitava a ingestão de *achar*, para controlar o refluxo gástrico de que padecia. O seu inglês melhorara um pouco, embora em Southall não precisasse sequer de o usar. Enquanto mais recente diretora do Desenvolvimento Comunitário da Associação Comunitária Sique, possuía o seu próprio gabinete no Centro Recreativo. Era um espaço empoeirado e repleto de pastas abandonadas que ela planeava deitar para o lixo, mas que mantivera porque conferiam à sala um ar de oficiosidade, com etiquetas que diziam REGULAMENTOS DE EDIFÍCIOS E ATAS DE REUNIÕES — CÓPIAS. Essas aparências eram importantes para o visitante ocasional, como o presidente da Associação Comunitária Sique, o Sr. Gurtaj Singh, que, naquele momento, se encontrava no gabinete dela, a interrogá-la por causa dos folhetos.

— Onde os afixou?

— No quadro de avisos do templo.

— Que tipo de aulas são?

— Aulas de escrita — retorquiu Kulwinder. — Para as mulheres.

Recordou-se de que devia ser paciente. Durante a última reunião para discutir o orçamento, Gurtaj Singh rejeitara os seus pedidos de financiamento. «Não temos dinheiro para essas coisas», dissera ele. Não fazia parte do caráter de Kulwinder armar confusão diante de tantos e respeitáveis homens sique, mas Gurtaj Singh parecia ter algum prazer em fazer pouco caso dela. Viu-se obrigada a lembrar ao presidente que o Centro da Associação Comunitária Sique ficava nos terrenos do templo e que mentir ali tinha o mesmo peso que mentir no templo. Era por essa razão que a cabeça de ambos estava coberta por um turbante e por um *dupatta*, respectivamente, significando a presença sagrada de Deus. O presidente viu-se obrigado a ceder. Rascunhou por cima das suas notas escritas e murmurou uns números e, nesse instante, ocorreu a Kulwinder que, afinal, arranjar dinheiro para a mulheres não era assim tão difícil.

No entanto, ali estava ele, a fazer perguntas como se fosse a primeira vez que ouvia falar do assunto. Não esperara que ela deitasse logo mãos à obra e começasse a contratar professores. Kulwinder entregou-lhe o folheto. Gurtaj levou o seu tempo a pôr os óculos bifocais e a pigarrear. Enquanto lia, lançou a Kulwinder um olhar de esguelha que o fazia parecer um vigarista num filme hindi antigo.

— E já tem professores?

— Vou entrevistar uma pessoa. Não deve demorar a chegar — explicou Kulwinder.

Uma rapariga chamada Nikki telefonara no dia anterior. Estava quinze minutos atrasada. Se tivesse outras candidatas, não estaria preocupada, mas, uma semana após a afixação do folheto, aquela Nikki fora a única a responder ao anúncio.

Gurtaj voltou a avaliar o folheto. Kulwinder esperou que não lhe perguntasse o que significavam todas aquelas palavras. Copiara o texto de outro folheto que vira colado num centro recreativo, na Queen Mary Road. O folheto parecera-lhe profissional, por isso ela retirara-o,

acrescentara a nota ao fim, e levava-o à loja de fotocópias onde trabalhava o filho de Munna Kaur.

— Faz-me umas quantas cópias disto — pedira ao rapaz borbulhoso. Ainda pensara em pedir-lhe que lhe traduzisse algumas das palavras que não compreendia, mas, se ele fosse como a calculista da mãe, não faria o favor de graça. Além disso, o objetivo não era ser precisa; desejava apenas que a aula — qualquer aula — começasse de imediato.

— E tem alunas interessadas? — quis saber o presidente.

— Sim — respondeu Kulwinder. Contactara pessoalmente as mulheres, informando-as da existência das aulas, explicando-lhes que teriam lugar duas vezes por semana e que seriam gratuitas, pelo que se esperava que as frequentassem. O seu público-alvo eram as viúvas mais velhas que, dessa maneira, poderiam ter um passatempo mais proveitoso do que trocar mexericos na cantina comunitária. Era mais provável que aparecessem e fizessem as aulas parecer um sucesso. Depois, haveria mais iniciativas para ocupar o tempo de Kulwinder. — Mais para a frente, espero que possamos oferecer muito mais às mulheres. — Não resistiu a dizer.

Gurtaj Singh pousou o folheto sobre a mesa. Era um homem baixo que usava as calças caqui quase por baixo dos braços, como se subir as bainhas fosse ceder pontos à sua diminuta estatura.

— Kulwinder, toda a gente lamenta o que aconteceu à Maya — declarou.

Kulwinder sentiu uma pontada que lhe roubou o alento. Não demorou a recuperar e lançou um olhar determinado a Gurtaj Singh. *Ninguém sabe o que aconteceu de facto. Ninguém me ajuda a saber.* Perguntou-se como iria ele reagir se ela proferisse aquelas palavras em voz alta.

— Agradeço — disse ela. — Mas isto nada tem que ver com a minha filha. As mulheres desta comunidade querem aprender e, como única mulher da comissão, devo representá-las. — Começou a arrumar os papéis que se encontravam sobre a sua secretária. — Se me dá licença, vou ter uma tarde bastante atarefada.

Gurtaj Singh percebeu a indireta e foi-se embora. O seu gabinete, à semelhança dos gabinetes dos outros homens, ficava na ala renovada do templo. Tinha soalho de madeira e janelas amplas com vista para os jardins das casas circundantes. Kulwinder era o único membro da direção que trabalhava naquele velho edifício de dois andares e, enquanto escutava os passos cada vez mais longínquos de Gurtaj Singh, questionou-se por que razão os homens precisavam de todo aquele espaço quando as suas respostas a tudo eram sempre negativas.

Uma corrente de ar atravessou a janela rachada e fez deslizar os papéis de Kulwinder para o lado. Revolvendo a gaveta de cima à procura de um pisa-papéis, encontrou a sua agenda antiga, oferta do banco Barclays. Na secção «Notas», tinha uma lista de nomes e de números de telefone — da esquadra local, dos advogados e até de um detetive particular que nunca contactara. Haviam passado quase dez meses e, às vezes, ainda se sentia tão sem fôlego e desesperada como no instante em que lhe disseram que a filha estava morta. Fechou a agenda e pressionou a palma das mãos contra a caneca do chá. O calor do líquido penetrou nas várias camadas da pele. *Maya*.

— *Sat sri akal*. Peço desculpa por ter chegado atrasada.

Kulwinder deixou cair a caneca sobre a secretária. Um denso regato de *chai* entornado correu pela mesa e ensopou os papéis. À porta, encontrava-se uma jovem.

— Disse que estaria aqui às duas da tarde — lembrou Kulwinder, ao mesmo tempo que salvava os documentos.

— Era minha intenção chegar a horas, mas houve um atraso no comboio. — Retirou da mala um lenço de papel e ajudou a mulher mais velha a absorver o líquido dos documentos. Kulwinder afastou-se e observou. Embora não tivesse um filho, o hábito levou a uma rápida avaliação daquela rapariga como possível candidata a esposa. Nikki trazia o cabelo apanhado num rabo de cavalo, revelando uma testa alta. O rosto afilado era por si só impressionante, mas ela não podia passar sem usar maquilhagem. As unhas estavam roídas, um hábito

pavoroso, e a tiracolo trazia uma pasta quadrada que devia obviamente pertencer a um carteiro.

Nikki apanhou-a a olhar. Kulwinder pigarreou autoritariamente e pôs-se a arrumar os papéis na extremidade oposta da secretária. Esperou que Nikki também a observasse. Em vez disso, notou que a rapariga olhava com desdém para as prateleiras cheias e para a janela rachada.

— Trouxe o seu currículo? — perguntou Kulwinder.

Nikki retirou uma folha da mala. Kulwinder passou os olhos pelo que estava escrito. Não podia dar-se ao luxo de ser esquisita — desde que a candidata fosse fluente em inglês, seria contratada. Contudo, ainda sentia a ferroadada provocada pelo olhar da jovem e isso limitou a sua generosidade.

— E que experiência tem? — indagou em panjábí.

A rapariga respondeu num inglês apressado.

— Devo admitir que não tenho muito experiência como profesora, mas estou muito interessada em...

Kulwinder levantou a mão.

— Por favor, responda em panjábí — pediu. — Alguma vez ensinou?

— Não.

— Então, porque deseja ministrar esta aula?

— Tenho... hum... como se diz? Uma paixão por ajudar as mulheres — respondeu Nikki.

— Hum — fez Kulwinder, friamente.

No currículo, a lista mais extensa ficava por baixo de um cabeçalho que dizia «Ativismo». Peticionária da Greenpeace, voluntária da Women's Aid, voluntária da UK Fem Fighters. Kulwinder não fazia a menor ideia do que significava aquilo, mas o último nome — UK Fem Fighters — era-lhe familiar. Havia na sua casa um íman com aquele nome, cortesia de Maya. Palpitava-lhe que teria que ver com os direitos das mulheres. *Era o que me faltava*, cogitou. Uma coisa era bater-se por financiamento, atrás de portas fechadas e contra gente como Gurtaj

Singh, mas aquelas raparigas indianas nascidas na Grã-Bretanha que gritavam publicamente sobre os direitos das mulheres não passavam de umas mimadas. Não perceberiam que, com aquela atitude grosseira e exigente, só atraíam sarilhos? Sentiu um acesso de fúria contra Maya, seguido por um desconcertante pesar que, momentaneamente, lhe turvou os sentidos. Quando voltou à realidade, Nikki continuava a explicar-se. Falava panjábí com menos confiança, polvilhando as frases com palavras inglesas.

— ... e acredito que toda gente tem histórias para contar. Seria uma experiência *gratificante* ajudar mulheres panjábí a escrever as suas histórias e depois *compilá-las* num livro.

Kulwinder devia ter estado a acenar com a cabeça à rapariga, porque aquela deambulação não fazia o mínimo sentido.

— Quer escrever um livro? — indagou, a medo.

— As histórias das mulheres irão formar uma antologia — replicou Nikki. — Não tenho muita experiência em artes, mas sou uma leitora ávida. Creio que serei capaz de as ajudar a *cultivar* a sua criatividade. Estarei envolvida na *orientação* do processo, claro, e depois talvez possa fazer também alguma revisão e coordenação.

Ocorreu a Kulwinder que era capaz de ter anunciado qualquer coisa que não compreendia. Olhou para o folheto. *Antologia, técnicas narrativas*. O que quer que aquelas palavras significassem, Nikki parecia estar a contar com elas. A mulher remexeu no interior da gaveta e retirou um comprovativo das inscrições confirmadas. Lendo os nomes, Kulwinder pensou que seria melhor alertar Nikki. Levantou a cabeça.

— As alunas não serão escritoras experientes — declarou.

— Claro — disse Nikki. — É compreensível. Eu estarei aqui para as ajudar.

O seu tom condescendente irritou Kulwinder. Aquela rapariga era uma criança. Sorria, mas parecia olhá-la de soslaio, como se estivesse a avaliar a sua importância ali dentro. Contudo, seria provável que uma mulher mais tradicional — não aquela rapariga ativa e com um domínio hesitante do panjábí — entrasse ali para se candidatar ao

lugar? Não era nada provável. Pouco importava o que Nikki acreditava ir ensinar; as aulas tinham de começar o quanto antes, ou Gurtaj Singh riscá-las-ias do seu caderno juntamente com qualquer oportunidade futura de Kulwinder fazer pedidos em nome das mulheres.

— As aulas começam quinta-feira.

— Esta quinta-feira?

— Quinta-feira à noite, sim — informou Kulwinder.

— Claro — disse Nikki. — E a que horas começam?

— À hora que for mais conveniente para si — respondeu a mulher no melhor inglês que conseguiu, e, quando Nikki, surpreendida, inclinou a cabeça, Kulwinder fingiu não notar.

CAPÍTULO 3

O estreito caminho de entrada que levava à sua casa de família, em Enfield, cheirava a especiarias. Nikki seguiu o odor até à porta e abriu-a com a sua chave. Na sala de estar, o televisor exibia o programa *Minute to Win It*, enquanto a mãe e Mindi se afadigavam na cozinha, chamando uma pela outra. O pai sempre assistira às notícias enquanto o jantar era preparado. Alguém pusera um coberter aos quadrados no seu cadeirão e a mesinha de apoio onde ele pousava o copo de whisky fora retirada. Aquelas mudanças eram pequenas e insignificantes, mas gritavam bem alto a sua ausência. Mudou de imediato o canal para a BBC. Nesse instante, a cabeça da mãe e a de Mindi assomaram à porta.

— Estávamos a ver isso — resmungou a mãe.

— Desculpem — disse Nikki, mas hesitou em voltar a mudar o canal. A voz do pivô trouxe uma onda de nostalgia: tinha novamente 11 anos e estava a ver as notícias com o pai, antes do jantar. «O que pensas disto?», perguntaria ele. «Achas que é justo? O que significa aquela palavra?» Às vezes, quando a mãe a chamava para ir pôr a mesa, o pai piscava o olho a Nikki e respondia em voz bem alta: «Ela está ocupada.»

— Precisa de ajuda? — perguntou Nikki à mãe.

— Podes aquecer o *dal*. Está no frigorífico — respondeu a mãe. Nikki abriu o frigorífico e não viu sinais evidentes do *dal*, apenas uma pilha de embalagens de gelado com os rótulos emurchecidos.

— Está na embalagem de baunilha com nozes-pecãs — esclareceu Mindi.

Nikki pegou na embalagem e meteu-a no micro-ondas. Logo depois, viu, horrorizada, as bordas derreterem para o interior do *dal*.

— O *dal* é capaz de demorar — alertou ela, abrindo a porta e retirando a embalagem. O odor nauseabundo a plástico queimado espalhou-se pela cozinha.

— *Hai*, sua tola — ralhou a mãe. — Porque não o puseste primeiro num recipiente que pudesse ir ao micro-ondas?

— E porque é que não o guardou logo numa caixa dessas? — argumentou Nikki. — As caixas dos gelados são enganadoras. — Era uma sugestão instigada por anos de esperanças frustradas, depois de revolver o frigorífico da mãe em busca de uma sobremesa e descobrir apenas blocos de caril congelados.

— As caixas servem muito bem — contrapôs a mãe. — São gratuitas.

Não havia maneira de salvar o *dal* ou a embalagem, pelo que Nikki atirou ambos para o lixo e retirou-se para o fundo da cozinha. Lembra-se de ter permanecido por ali na noite após o funeral do pai. A mãe estava abatida. Viajar de volta para Londres com o corpo do marido fora um pesadelo logístico e burocrático, mas recusara as ofertas de ajuda de Nikki e remetera-a para segundo plano. Nikki perguntara à mãe como haviam sido as últimas horas de vida do pai. Precisava de saber que ele não morrera zangado com ela.

— Ele não disse nada. Estava a dormir — retorquiu a mãe.

— Mas, e antes de se deitar? — Talvez as suas últimas palavras contivessem alguma sugestão de perdão.

— Não me lembro — disse a mãe. Tinha as bochechas vermelhas.

— Mãe, de certeza que pode tentar...

— Não me perguntes essas coisas — ralhou a mãe.

Constatando que o perdão estava longe de acontecer, Nikki regressara ao quarto e continuara a fazer as malas.

— Não continuas com essa ideia de ir-te embora, pois não? — perguntara Mindi, da porta do quarto.

Nikki olhou para os cantos das caixas que espreitavam por baixo da cama. Os livros metidos em sacos de plástico e o casaco com capuz retirado do gancho atrás da porta e dobrado de maneira a caber na mala.

— Não posso continuar a viver aqui. Assim que a mãe descobrir que estou a trabalhar num *pub*, nunca mais vai calar-se. Será a mesma conversa dia após dia. Já tive de lidar com o pai a ignorar-me. Não vou ficar aqui enquanto a mãe faz de conta que eu não existo.

— Estás a ser uma vaca egoísta.

— Estou a ser realista.

Mindi suspirou.

— Pensa no que a mãe está a passar. Às vezes, é bom ter em consideração aquilo que é melhor para todos e não apenas para ti.

Ao ouvir aquilo, Nikki ficou por mais uma semana. Todavia, certo dia, a mãe saíra para tratar de uns assuntos e, ao regressar, encontraria o quarto de Nikki vazio e um bilhete sobre a almofada. *Desculpe, mas tinha de sair daqui*. O novo endereço estava logo por baixo. Confiava que Mindi contasse o resto à mãe. Duas semanas mais tarde, Nikki arranjou coragem para telefonar à mãe e, para sua grande surpresa, esta respondeu-lhe. Falava num tom frio e dava respostas minimalistas («Como está, mãe?», «Viva»), mas o facto de responder já era um bom sinal. Durante a conversa telefónica que se seguira, a mãe tivera um acesso de fúria. «És uma rapariga egoísta, estúpida e idiota», chorara. «Não tens coração.» Cada uma daquelas palavras fez Nikki estremecer e o seu desejo foi defender-se, mas não estaria a mãe certa? Deixara-as na pior altura possível. Estúpida, egoísta, desumana. Palavras que o pai nunca usara para a descrever. Mais tarde, expurgada da sua raiva, a mãe voltou a falar com ela, usando frases completas.

Naquele momento, a cozinha estava repleta de um vapor oloroso. O jantar estava pronto. Nikki ajudou a carregar uma travessa a transbordar de caril de grão e espinafres.

— Então — disse Mindi, assim que se sentaram à mesa —, falamos desse teu novo trabalho.

— Irei orientar as mulheres enquanto escrevem as suas histórias. As aulas terão lugar duas vezes por semana. No final, haverá uma antologia de histórias.

— Orientar... Isso é o mesmo que ensinar? — indagou Mindi. Nikki abanou a cabeça.

— Não é tanto ensinar como facilitar o ensino.

A mãe parecia confusa.

— Então, haverá outra professora que vais ajudar?

— Não — replicou Nikki. Havia impaciência no seu tom de voz. — Encontrar a própria voz não é uma coisa que se possa ensinar, pelo menos não da maneira tradicional. As pessoas escrevem e eu irei orientá-las. — Levantou a cabeça e viu que a mãe e a irmã trocavam um sorriso afetado. — É um trabalho difícil — acrescentou.

— Ótimo, ótimo — murmurou a mãe. Dobrou um *roti* e arrastou-o pelo prato, apanhando os grãos.

— É uma excelente oportunidade — insistiu Nikki. — Também vou ter a possibilidade de fazer algum trabalho de edição, que depois poderei acrescentar ao meu currículo.

— E achas que vais querer ser professora ou editora? — perguntou Mindi.

Nikki encolheu os ombros.

— Parecem duas coisas tão diferentes, ser professora ou trabalhar no mundo editorial. Também gostas de escrever. Vais contribuir para essas histórias enquanto escritora?

— E porque é que tem de ser uma coisa definida? — indagou Nikki. — Não sei o que quero ser, mas aos poucos chego lá. Está bem assim para ti?

Mindi levantou as mãos como quem se rende.

— Por mim, está ótimo. Desejava apenas saber mais sobre aquilo que vais fazer, apenas isso. Não é preciso ficares tão ouriçada.

— Vou fazer uma coisa que ajudará a dar algum poder às mulheres. A mãe e Mindi entreolharam-se com uma expressão preocupada.

— Eu vi esse olhar — disse Nikki. — Qual é o problema?

— Mas a maioria das tuas alunas serão as mulheres do templo, certo? — perguntou Mindi.

— E então?

— Então, tem cuidado — alertou a irmã. — Parece uma aula para contadoras de histórias principiantes, mas se achas que vais mudar a vida delas acedendo às suas experiências pessoais... — Mindi abanou a cabeça.

— O teu problema, Mindi... — começou Nikki a dizer.

— Já chega — contrapôs a mãe. O seu olhar severo calou os protestos da filha mais nova. — É raro apareceres para jantar e, quando apareces, há sempre discussão. Se estás feliz com este trabalho, nós também estamos. Ao menos, isso significa que já não terás de trabalhar naquela discoteca.

— É um *pub*, não uma discoteca — corrigiu Nikki, e não se atreveu a acrescentar mais nada. Tinha ocultado que iria continuar a trabalhar no O'Reilly's. O ordenado que iria auferir para dar poder às mulheres através das aulas de escrita criativa nunca seria suficiente para cobrir as suas despesas.

— Certifica-te de que viajas em segurança. As aulas são à noite? A que horas terminam?

— Mãe, não vai haver problema. É em Southall.

— E não há crime em Southall? Devo ser a única que ainda se recorda da Karina Kaur. Não viram os anúncios do *Britain's Unsolved Murders*?

Nikki suspirou. Só a sua mãe para ir buscar um crime com 14 anos para mostrar que tinha razão.

— Nunca encontraram o culpado — prosseguiu a mãe. — O assassino pode muito bem continuar a monte, a perseguir raparigas panjábí que andam sozinhas pelas ruas, à noite.

Até Mindi revirou os olhos ao drama elaborado pela sua mãe.

— Está a ser um pouco dramática — disse-lhe.

— Sim, mãe. Olhe que não são apenas as raparigas panjábí a serem assassinadas em Londres — acrescentou Nikki.

— Não tem graça — argumentou a mãe. — São os pais que ficam em casa e que morrem de preocupação sempre que os filhos saem.

Depois do jantar, Mindi e Nikki trataram da loiça, enquanto a mãe se acomodava na sala de estar a ver televisão. Raspavam os tachos e os pratos em silêncio, até que Mindi se atreveu a falar.

— A tia Geeta recomendou-me uns quantos solteiros elegíveis. Deu-me os endereços de e-mail de três rapazes que considerou os melhores.

— Credo. — Era tudo o que Nikki tinha a dizer em resposta à menção a uma amiga da mãe, que vivia ao cimo da rua e que tinha por hábito aparecer lá por casa sem avisar. As suas sobrancelhas agitavam-se constantemente com todos os segredos que se esforçava por não contar. «Não estou a mexericar, apenas a partilhar», afirmava sempre antes de despejar as ruínas das vidas alheias.

— Troquei alguns e-mails com um rapaz que não me pareceu mau de todo — prosseguiu Mindi.

— Fantástico — comentou Nikki. — Para o ano, estarás a limpar a cozinha dele e não esta.

— Cala-te. — Segundos depois, a jovem acrescentou: — Chama-se Pravin. Parece-te um bom nome?

— É apenas um nome.

— Trabalha na área das finanças. Já conversámos uma vez ao telefone.

— Então, eu dou-me a todo aquele trabalho de afixar o teu perfil no quadro do templo e tu foste requisitar a ajuda da tia Geeta?

— Não tive uma única resposta do perfil do templo — explicou Mindi. — Tens a certeza de que o puseste no quadro dos casamentos?

— Sim.

Mindi observou a irmã.

— Mentirosa.

— Fiz o que me pediste — insistiu Nikki.

— O que fizeste?

— Afixei-o no quadro dos casamentos. Pode é não ser o folheto mais apelativo de todos os que lá estavam. E olha que eram muitos...

— Típico — murmurou Mindi.

— O quê?

— Claro que não irias esforçar-te muito para me ajudar nisto.

— Desloquei-me *de propósito* ao templo, em Southall. Não é pouco esforço — atirou Nikki.

— Contudo, aceitaste um trabalho que te obrigará a viajar regularmente até lá. Afinal, como é? Não te importas de ir até Southall desde que te seja benéfico.

— Não tem que ver comigo. Estou a ajudar as mulheres.

Mindi bufou de indignação.

— A ajudar? Nikki, isto parece mais uma das tuas... — Agitou a mão como se pudesse fazer a palavra aparecer do nada. — Das tuas causas.

— E qual é o mal de ter uma causa? — quis saber Nikki. — Acho importante ajudar as mulheres a contar as suas histórias. É um passatempo mais útil do que elaborar anúncios para conseguir um marido.

— Isso é o que tu fazes sempre — argumentou Mindi. — Segues as tuas supostas paixões e pouco te importam as consequências para as outras pessoas.

Aquela estocada doeu. Era mais fácil ser uma criminosa julgada em tribunal do que uma indiana que indignara a família. Um qualquer crime seria punível com uma pena de prisão com duração definida, mas aquilo era uma vida inteira de indiretas e acusações.

— E de que modo o facto de eu ter deixado a universidade teve consequências para outras pessoas? Foi decisão minha. Sim, o pai já não podia dizer à sua família na Índia que eu iria ser advogada. Grande coisa. Não valia a pena ser infeliz o resto da vida só para ele poder gabar-se.

— Não tinha que ver com o poder ou não gabar-se — disse Mindi. — Era uma questão de obrigação.

— Já pareces uma dona de casa indiana a falar.

— Tinhas uma obrigação para com o pai. Ele sempre se empenhou em apoiar-te. Todos aqueles debates na escola, todos os discursos. Incluía-te em conversas sobre política com os amigos e não te impedia de argumentar com a mãe quando achava que tinhas razão. Depositou tanta fé em ti. — Havia alguma mágoa na voz de Mindi. O pai e a mãe também haviam levado Mindi numa viagem à Índia antes dos exames finais, dando todos os passos espirituais necessários para garantir que ela entrava em Medicina. Depois de todos os resultados indicarem Enfermagem — e não Medicina — como a sua melhor escolha, a decepção do pai fora evidente e, com renovado entusiasmo, virara a sua atenção para Nikki.

— Ele também tinha orgulho em ti — lembrou Nikki. — Desejava que eu fosse mais pragmática, como tu. — Tendo toda a vida sido comparado com o irmão, o pai tivera o cuidado de não comparar as filhas, mas assim que Nikki desistira da universidade, toda a justiça voara pela janela. «Olha para a Mindi. Ela trabalha afinadamente. Deseja um futuro estável. Porque não podes ser como ela?», dissera.

Nikki sentiu uma súbita onda de raiva contra o pai.

— Sabes, o pai passava a vida a contradizer-se. Num dia dizia: «Segue os teus sonhos, foi por isso que viemos para Inglaterra.» E, no dia seguinte, já estava a impor aquilo que eu deveria ser e fazer. Achou que os meus sonhos eram iguais aos dele.

— Viu uma possível carreira para ti no Direito. Tiveste a possibilidade de ter uma carreira de sucesso. O que estás a fazer agora?

— A explorar todas as minhas possibilidades — respondeu Nikki.

— Por esta altura, já poderias estar a ganhar um ordenado — disse-lhe a irmã.

— Não estou tão preocupada quanto tu com o dinheiro e com os bens materiais. Esta coisa do casamento arranjado é por causa disso, não é? Não acreditas que possas conhecer num bar um profissional com um bom salário, mas se vasculhares os perfis de alguns médicos

HÁ HISTÓRIAS QUE TÊM O PODER DE MUDAR VIDAS...

Nikki desiluiu a sua família conservadora várias vezes: desistiu da faculdade, saiu de casa e trabalha num *pub*, passando grande parte do tempo a tentar afastar-se das tradições indianas.

Quando aceita dar aulas de escrita criativa no centro comunitário local, fica entusiasmada com a possibilidade de ajudar algumas viúvas da comunidade panjábí em Londres, mas o que encontra é um pequeno grupo de mulheres iletradas que, embora pouco interessadas nos ideais de Nikki, estão cheias de histórias para contar. Para sua surpresa, a aparente modéstia das viúvas esconde uma secreta vida interior rica em memórias e fantasias, o que transforma as aulas em momentos de partilha de contos apaixonantes e sensuais.

Ao mesmo tempo que compartilham as suas fantasias mais secretas, as viúvas revelam alguns dos segredos mais sombrios da comunidade. Com as aulas a gerarem interesse em cada vez mais mulheres, Nikki e as alunas começam a correr alguns riscos.

Conseguirá esta comunidade repressiva e controladora aceitar as aulas de escrita erótica e as cruéis verdades que aí são reveladas?

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-017-1



9 789895 640171

Literatura Traduzida

